



ODIN E VALHALL: ASPECTOS DA VIDA APÓS A MORTE NA MITOLOGIA DA EUROPA SETENTRIONAL

Flávio Guadagnucci Palamin¹

RESUMO: As idéias expostas no trabalho visam argumentar sobre como são representados os ideais de vida após a morte nos mitos da Europa Setentrional dos séculos VIII ao XI d.C. com destaque às visões do paraíso de Valhall e da figura de Odin como deus dos mortos. Para tanto, analisamos os mitos presentes nas *Eddas* segundo a metodologia proposta por Eliade (1992), onde consideramos o mito como um relato que “só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente” (p.50). O trabalho faz parte de uma pesquisa de iniciação científica acerca das representações de morte e juventude na mitologia da Europa Setentrional.

PALAVRAS-CHAVE: Europa Setentrional, Mitologia; Morte; Odin; Valhall.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por objetivo analisar as representações de morte e juventude na mitologia da Europa Setentrional. Propomos-nos realizar uma abordagem acerca dos ideais de morte representados nesses mitos, com destaque ao paraíso de Valhall e à figura de Odin como deus dos mortos. Utilizamos em nossa pesquisa a abordagem proposta por Mircea Eliade de tratar o mito como um relato que “só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente”. (ELIADE, 1992, p.50). Mais precisamente, entendemos que “o mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo”. (ibid). Desse modo o mito encontra-se na esfera do sagrado, agindo como modelo exemplar, ditando o modo de se viver na sociedade. Ainda mais, “os mitos são antes de mais nada manifestações da essência da alma”. (JUNG, 2000, p.17)

2 MATERIAL E MÉTODOS

Nosso objeto de estudo foca-se nas civilizações escandinavas da era Viking, ou seja, os próprios Vikings em sua época. Entretanto, as fontes que mais utilizamos são a *Edda Poética* e a *Edda em Prosa*, que datam de períodos posteriores à era Viking e provém da Islândia, país por vezes inserido na região escandinava.

A chamada Era Viking “teve início antes de 800 d.C. e estendeu-se por mais de dois séculos” (BRONSTED, 2004, p.9). Durante esse período, se deu a expansão do território viking e o conhecimento de sua existência a outras culturas. Formados por

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá - UEM.
hyogacygnus@hotmail.com

variadas tribos vindas principalmente da Escandinávia, os vikings tinham em comum suas crenças religiosas. (BROSTED, 2004, p.247), Há de se deixar claro que não desconhecemos as diferenças de cultos e rituais dessas áreas, e muito menos as deixamos de lado por conveniência. Nosso objetivo é, necessariamente, analisar os mitos semelhantes dessas regiões, aqueles que apresentam as formas que analisamos.

A Edda Poética é uma coletânea de poemas, todos anônimos, com estrutura tipicamente escáldica (bardos escandinavos) que datam entre os séculos IX a XII d.C. os quais foram compilados e preservados por cristãos por volta de 1300 d.C. (LANGER, 2006, p.54). Já a Edda em Prosa, tem sua autoria atribuída à Snorri Sturluson que em 1221 reuniu alguns dos manuscritos encontrados na Edda Poética - e outros posteriormente perdidos - e os reescreveu em forma de prosa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começaremos nossa discussão com duas passagens de narrativas míticas, para apresentar a função do Valhall e Odin. A primeira descrição é retirada do primeiro poema que compõe a Edda Poética, Voluspa, no qual é exposto desde detalhes da cosmogonia da mitologia escandinava, até o fim dos tempos. Acrescentamos dois trechos do poema Grimnismol, também presente na Edda Poética, para descrever o palácio de Valhall.

No poema Voluspa, encontramos o relato de quando Odin vai até Nilfheim em busca de ressuscitar uma volva (vidente) a fim de saber as coisas do passado presente e futuro. Ao longo de suas revelações, a volva mostra ao deus que tem conhecimento de como se deu a criação do mundo e do que acontece nesse momento. Ao final, expõe-lhe da fatalidade do Ragnarok, evento no qual deuses e gigantes se enfrentarão em uma última batalha. Odin resolve, então, se preparar para seu derradeiro confronto, tendo como uma das principais preparações a construção do Valhall, o “salão dos mortos”. Desse modo, o deus, auxiliado pelas Valkiryas, escolheria, dentre os mortos em batalha, os guerreiros de maior valor para lutarem ao seu lado no Ragnarok.

Snorri descreve na Edda em Prosa que ao longo do dia os guerreiros mortos reunidos em Valhall realizam batalhas entre si. Essas batalhas renovavam-se todos os dias; os guerreiros, umas vez mortos, não poderiam morrer novamente. Desse modo, ao fim do dia, após passarem horas batalhando, os guerreiros se juntavam à Odin em Valhall para banquetear e festejar ao lado de seus companheiros, para no próximo dia voltarem a lutar entre si, dando-se este processo até o Ragnarok.

Quanto a Odin, dentre os deuses do panteão nórdico, ele é o supremo: uma figura magnífica, dominadora, demoníaca e sádica. Em sua busca por sabedoria, Odin enfurta-se, perfura seu corpo com sua lança e sacrifica um de seus olhos. É o deus da guerra e dos guerreiros mortos. Em seu palácio Valhall, é representado sentado em seu trono Hlidskialf, de onde podia observar os nove mundos, acompanhado de sua hoste de guerreiros mortos com seus dois lobos sentados a seus pés. Possui também dois corvos, Hugin e Munin (seus nomes significam, respectivamente, pensamento e memória) que voavam durante o dia pelos nove mundos e à noite voltavam trazendo as informações coletadas à Odin. É dono do cavalo de oito patas Sleipnir, com o qual cavalga por entre os céus, montanhas e florestas.

Odin aparece aos mortais como uma figura alta, de um olho só, coberto por uma capa longa e usando um chapéu de abas largas. É também o deus dos escaldos, pois foi ele quem descobriu as runas em um ritual de auto-sacrifício. Mesmo tendo seu nome invocado antes das batalhas, os guerreiros sabem que não podem confiar plenamente em Odin, pois é um deus instável e pode mudar o seu favorável em uma batalha a qualquer momento.

Desconsiderando alguns recortes temporais e geográficos, temos Odin como deus supremo do panteão nórdico. Em sua trajetória ao longo dos muitos contos e mitos em

que aparece, Odin é representado com diferentes funções divinas, tais como deus das batalhas, dos poetas, líder dos deuses e deus dos mortos. Como dito anteriormente, de fato Hel tem controle sobre todos os mortos dos nove mundos, entretanto, Odin tem autoridade sobre aqueles que se mostram válidos a se juntar à sua horda em Valhall.

Por vezes retratadas como filhas de Odin, as Valkiryas são espíritos guerreiros femininos que auxiliam o exercito escolhido por Odin nas batalhas. Mas a função das Valkiryas que nos interessa é a de buscar em meio aos mortos na batalha, aqueles que honraram o nome de Odin e morreram valorosamente. *“Os guerreiros que morrem em batalhas dedicadas a ele são carregados pelas Valquírias para Valhall, onde eles são arrolados em seus corpos militares, que estará atrás de Odin no Ragnarok”.* (BRONSTED, 2004, p.249).

Quanto a escolha daqueles que entrarão em Valhall, pode-se entender que Davidson e Morin compartilham idéias semelhantes, mas com uma diferença: ambos consideram o Valhall como o paraíso dos escolhidos, entretanto Morin somente considera os escolhidos como os líderes, príncipes e reis – *“Os paraísos são transposições ideais da vida da classe dominante”* (MORIN, 1997, p.138) -, ao passo que Davidson avalia que àquele que morresse em nome de Odin e mostrasse seu valor, teria seu lugar garantido ao lado de Odin em Valhall: *“A idéia de entrar no palácio de Odin após a morte é bem sustentada por evidências da literatura. Aqueles que morriam a serviço do deus, através de uma morte violenta em batalha ou sacrifício, ganhavam entrada em seu reino”* (DAVIDSON, 2004, p.127).

4 CONCLUSÃO

Concluimos que o culto à Odin como deus dos mortos, se deve ao caráter guerreiro das civilizações vikings. O paraíso ideal para tal guerreiro não é outro senão aquele do deus supremo do panteão nórdico, onde o guerreiro passaria os últimos dias, dos deuses e homens, fazendo aquilo que mais sabia e amava fazer: batalhar. Desse modo a figura de Odin e Valhall nos revela os anseios do guerreiro e como este encarava a morte.

REFERÊNCIAS

BRONSTED, Johannes. **Os Vikings: História de uma Fascinante Civilização.** São Paulo, Hemus, 2004.

DAVIDSON, Hilda Roderik Ellis. **Deuses e Mitos do Norte da Europa: uma mitologia é o comentário de uma era ou civilização específica sobre os mistérios da existência e da mente humanas,** São Paulo: Madras, 2004.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano,** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo,** Perrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LANGER, Johnni. *Mythica Scandia:* Repensando as Fontes Literárias da Mitologia Viking. **Brathair,** v. 6, n. 2, p. 48-78, 2006.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

THE POETIC Edda: The Mythological Poems. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004.